

*Artes plásticas e pensamento crítico em Portugal nos anos setenta: aspectos de uma modernidade adiada.*

Isabel Nogueira <sup>1</sup>

CEIS-20. Universidade de Coimbra.

**Resumo.**

Os anos setenta portugueses foram artisticamente marcados por uma tendência de pulverização de linguagens e de experiências vindas já da década anterior. A abertura do regime à democracia facilitou a criação em liberdade. Contudo, a cronologia política não foi coincidente com a cronologia artística, uma vez que os pressupostos criativos vinham em consonância com mutações culturais mais vastas e anteriores. Por outro lado, a revolução de Abril de 1974 e a constituição de uma democracia jovem e agitada não foram, por si só, suficientes para o incremento das artes plásticas. Foi necessário construir um *medium* artístico enraizado e maduro, na procura de uma efectiva e urgente modernidade.

**Palavras-chave:** Arte portuguesa – Crítica – Modernidade - Anos setenta

*Plastic arts and critical thought in Portugal in the Seventies: aspects of a postponed modernity*

Portuguese artistic comings already of the previous decade had been the Seventies marked by a trend of spraying of languages and experiences. The opening of the regimen to the democracy facilitated the creation in freedom. However, the chronology politics was not coincident with the artistic chronology, a time that the creative estimated ones came in accord with vaster and previous cultural mutations. On the other hand, the revolution of April of 1974 and the constitution of an agitated democracy young e had not been, by itself, sufficient for the increment of the plastic arts. Medium was necessary to construct one artistic rooted and mature, in the search of an effective and urgent modernity.

**Key-words:** Portuguese art - Critical - Modernity - The Seventies

Se a arte dos anos sessenta portugueses incorporou a procura e a experimentação como propósitos abertos da criação e da pesquisa, ou, na opinião do historiador Bernardo Pinto de Almeida, foi transformada por uma longa mudança de estatuto, de sentido, de função e de intenção, que se afastava já da pureza ideológica do modernismo histórico, acompanhada por um processo internacional que questionava o próprio conceito de vanguarda<sup>2</sup>; os anos setenta pautaram-se por uma abertura – inclusivamente do ponto de vista político e social, com a revolução de 25 de Abril de 1974 e a conseqüente derrocada da ditadura – de todo um rol inédito de possibilidades de criação e perspectivas de renovação. Foi a época dos eventos colectivos, desde as pinturas murais “da revolução”, até ao incremento de um modo de operar menos

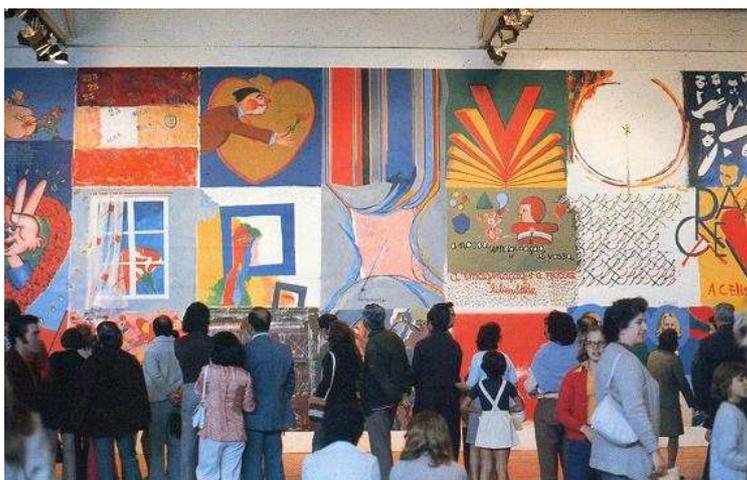
impulsivo e mais ligado à exaltação do artista/criador, numa procura de uma identidade artística, estética e mesmo poética. Como escreveu o crítico Francisco Bronze (1976): «Neste mar redemoinhamos, submergimos, voltamos à tona; no meio de correntes várias, esbracejamos, lutamos pela sobrevivência, pretendemos entrar na corrente que nos leve à praia (do mundo novo? do mundo velho?). Todos nós. Os artistas também. Eles procuram “acertar o passo” com a vida política nacional ou, simplesmente, esforçam-se por não perder o “comboio da revolução”, como por aí se diz»<sup>3</sup>. Vamos, pois, por um lado, traçar uma perspectiva sucinta das artes plásticas e do pensamento crítico em Portugal nos anos setenta; por outro, procurar justificar a ideia de modernidade adiada.

Em *O Tempo e o Modo* aparecia, em finais de 1974, uma mordaz reflexão sobre o panorama cultural português das últimas décadas da ditadura. Observou-se que, com Marcelo Caetano se tinha vivido uma pretensa liberalização a vários níveis – a designada “Primavera marcelista” –, nomeadamente ao nível das supostas obras contestatárias no domínio audiovisual: «(...) miram-se nos estúdios atapetados dos cinemas obras “intelectuais” falsamente contestatárias, irrompe o “novo” cinema português no qual a criada de servir é substituída pela burguesinha com problemas existenciais»<sup>4</sup>. A mesma publicação, evidenciando algum radicalismo, afirmou-se avessa à cultura burguesa, considerando-a corrupta, fascista, revisionista, imperialista, anticientífica, antipopular e oposta aos interesses dos operários e camponeses<sup>5</sup>. Viveu-se uma época profundamente agitada, largamente pontuada por atitudes que pretenderam repensar tudo de novo, por equívocos, por oportunismos, pelo perigo da arte *mid-cult* – tida como “antagónica à verdadeira arte de vanguarda”<sup>6</sup>.

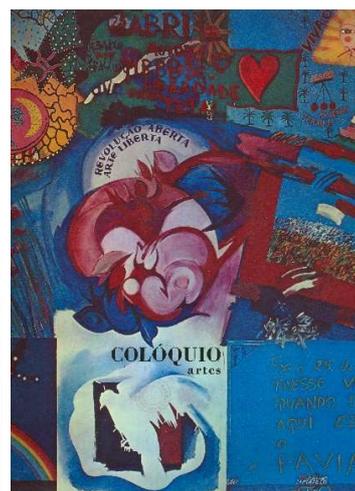
O período que mediou o 1.º de Maio de 1974 e a tomada de posse do I Governo Constitucional, a 23 de Julho de 1976, foi particularmente agitado. Eram as consequências de uma democracia muito jovem, instável e reivindicativa<sup>7</sup>, legitimada por um aglomerado de forças ligadas a diversas perspectivas políticas e sociais, nomeadamente, à forte movimentação sindical e às comissões de trabalhadores. Mas o período revolucionário caracterizou-se também por um empenhamento militante intenso por parte dos artistas, numa vivência de cultura “ao serviço do Povo”<sup>8</sup>. Foi a época dos *slogans* e *contra-slogans*: “A arte fascista faz mal à vista” (Marcelino Vespeira) – expressão proclamada no evento levado a cabo pelo Movimento Democrático de Artistas Plásticos (efémero agrupamento constituído no seio da Sociedade Nacional de Belas-Artes) a 28 de Maio de 1974, no Palácio Foz, antiga sede da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, no qual os artistas ocultaram com um pano preto e uma faixa

verde e vermelha a escultura que representava Oliveira Salazar, da autoria do escultor Francisco Franco<sup>9</sup> –, “Contra a agressividade, criatividade”, ou “A qualidade estética é progressista; a mediocridade é reaccionária” (Salette Tavares). Devemos neste âmbito destacar as acções colectivas, numa busca de total liberdade de intervenção e de criação. Sílvia Chicó escreveria a este respeito (1999): «O 25 de Abril e os tempos que imediatamente se lhe seguiram pode dizer-se que foram uma época de generosidade. Só quando o poder político começou a organizar-se é que as posições se extremaram e a mesquinhez e a mediocridade que ainda hoje grassam na nossa sociedade se fizeram sentir»<sup>10</sup>.

Durante estes anos revolucionários, apostava-se em larga medida nas campanhas de dinamização cultural, capazes de envolver o Estado, o Movimento das Forças Armadas, a Junta de Salvação Nacional, a população e os artistas<sup>11</sup>. Uma destas iniciativas foi a pintura do *Painel do 10 de Junho* (1974), em homenagem à revolução, realizado pelo já referido Movimento Democrático de Artistas Plásticos. Para a execução do grande painel (4,5 m x 24 m) reuniram-se quarenta e oito participantes<sup>12</sup> na Galeria Nacional de Arte Moderna – pavilhão à beira Tejo, em Belém, construído para albergar a *Exposição do Mundo Português* (1940), primeiro adaptado a mercado e posteriormente a espaço de exposições dirigido pela Direcção Geral da Acção Cultural/Secretaria de Estado da Cultura –, pintando publicamente e em clima festivo um painel, dividido em quarenta e oito quadrados, distribuídos por três andares, evocativos dos quarenta e oito anos do regime ditatorial.



1. *Painel do 10 de Junho* (pormenor), 1974. Coleção Rui Mário Gonçalves.



2. *Colóquio/Artes*. N.º 19 (Out.1974). *Painel do 10 de Junho* (pormenor).

Apesar de ter ficado bastante sectorizado, segundo o crítico Rui Mário Gonçalves, no conjunto permitia ver a linguagem da arte moderna, entre o

abstraccionismo e o neofigurativismo<sup>13</sup>, ou, na opinião de José-Augusto França, uma junção de abstracto, conceptual e neo-realismo<sup>14</sup>. Na perspectiva de Eurico Gonçalves, o painel não terá sido inferior ao realizado em Cuba e divulgado internacionalmente<sup>15</sup>. Segundo Ernesto de Sousa, apesar da qualidade limitada do trabalho, os “bonecos para o Povo” foram vencidos pela “festa do Povo”<sup>16</sup>, ou, segundo Rocha de Sousa, o maior significado do mural seria a efectiva união dos operadores estéticos<sup>17</sup>. Em 1979, em jeito de balanço, Manuel Rosa escreveria que a pintura mural no pós-25 de Abril, como portadora de mensagem política para as massas, foi legitimamente figurativa<sup>18</sup>. Quanto ao *Painel do 10 de Junho*, a peça foi oferecida ao Movimento das Forças Armadas e esteve para ser enviada para a *Bienal de Veneza*, assim como para o *Salon de la Jeune Peinture* (Paris) mas, alegadamente por descuido das entidades competentes, não seria remetida, acabando por ser destruída pelo incêndio que consumiu a Galeria Nacional de Arte Moderna, em Agosto de 1981.

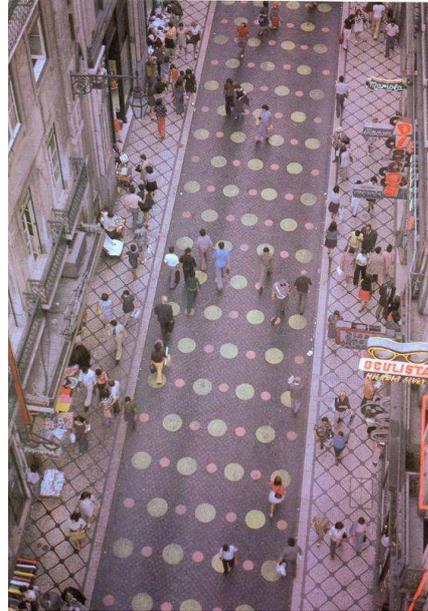
De facto, as acções colectivas foram constantes ao longo dos anos setenta portugueses, numa busca de uma linguagem própria, agora partilhada em liberdade. Nesta senda, importa chamar a atenção para dois relevantes agrupamentos de artistas: o Grupo Acre (“Uma arte para toda a gente”) – entre 1974 e 1977, constituído por Alfredo Queiroz Ribeiro, Clara Menéres, Joaquim Lima Carvalho, entre diversos colaboradores – e o Grupo Puzzle (“Contra-corrente”) – entre 1975-1981, contou inicialmente com Albuquerque Mendes, Armando Azevedo, Carlos Carreiro, Dario Alves, Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo, Pedro Rocha e, pouco tempo depois, com Fernando Pinto Coelho e Gerardo Burmester –, nascido no Porto em Dezembro de 1975, apresentado no início do ano de 1976 num jantar/intervenção na Galeria Alvarez (Porto), e divulgado nos *III Encontros Internacionais de Arte* (Póvoa de Varzim, 1976)<sup>19</sup>.

A seu modo, ambos os agrupamentos se assumem com portadores de uma linguagem plástico-performativa inovadora no contexto português, de vertente conceptualista, social e artisticamente interventiva. Ernesto de Sousa escreveu a respeito do Grupo Acre, em 1975: «O Grupo Acre constituiu-se depois do 25 de Abril: como uma serena e consciente *atitude*. Trabalhar colectivamente e descartar o subjectivismo, intervir no espaço urbano e, empiricamente, acertar numa grande razão para estar no mundo. (...) O Grupo Acre é um projecto, e só os projectos têm consistência. Hoje. Como a revolução. Tudo o resto é cozinha passadista»<sup>20</sup>. Egídio Álvaro observou sobre o Grupo Puzzle (1977): «Parece-me que, subjacente a toda a actividade do Grupo, se encontra uma atitude polémica, ressentida com maior ou menor acuidade por cada um dos seus componentes. (...) Polémica, porque ao escolherem a dificuldade, se inscrevem

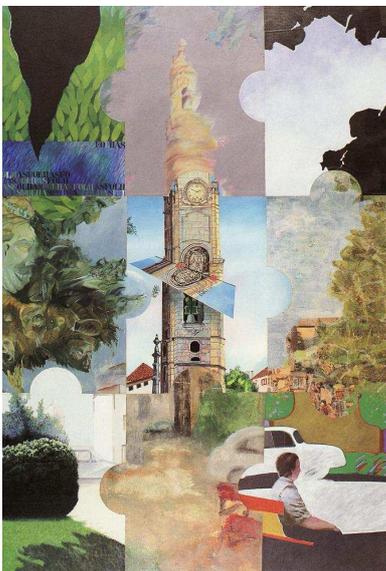
em contra-corrente em relação a todas as facilidades mais ou menos oficializadas, mais ou menos escolares, mais o menos oportunistas que foram e são oferecidas àqueles que mais jeito e ambição têm para calcorrear as antecâmaras do poder»<sup>21</sup>.



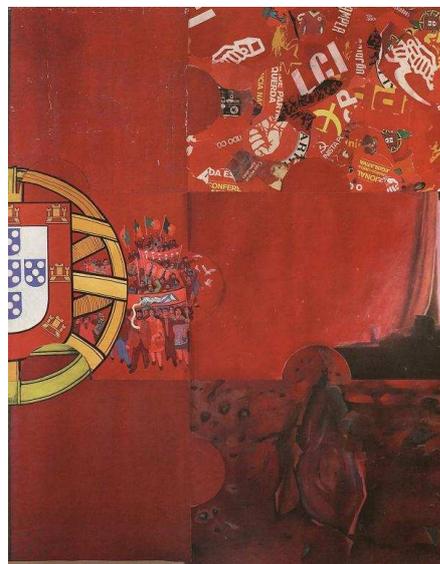
**3.** *Torre dos Clérigos com fita amarela* (Porto, 25 de Outubro de 1974). Intervenção do Grupo Acre. Fotografia de Alfredo Queiroz Ribeiro.



**4.** Intervenção do Grupo Acre na Rua do Carmo (Lisboa, Agosto de 1974). Fotografia de Clara Meneres.



**5.** *Torre dos Clérigos*, Grupo Puzzle, 1976. Acrílico e colagem s/madeira (291 x 205 cm). Painel que integrou a exposição *O Puzzle Joga com o Porto* (Galeria Alvarez, Março de 1976). Coleção Fundação de Serralves, Porto.



**6.** *Bandeira nacional* (pormenor), Grupo Puzzle, 1976. Técnica mista s/tela (207 x 296 cm). Coleção Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

O 25 de Abril foi relevante para a vida cultural e artística do país – fechado, conservador e pleno de urgências –, principalmente do ponto de vista da abertura de possibilidades criativas, que agora urgia concretizar. Tornava-se fundamental virar a página e começar a preencher uma folha nova. Mas a auspiciosa revolução assumiu contornos complexos e contraditórios, também no domínio das artes. Rui Mário Gonçalves escrevia em 1974: «Tudo se movimenta no mundo das artes, na realidade muito mais do que à primeira vista possa parecer. Para os artistas e críticos, aumentou a actividade criativa, reflexiva e organizativa (...). Mas é o país todo que se movimenta, e o confronto ao nível geral vem colocando as artes numa desatenção relativa»<sup>22</sup>. No âmbito dos já mencionados *III Encontros Internacionais de Arte* (Póvoa de Varzim, 1976), Egídio Álvaro publicaria a súpula dos diversos debates, entre os quais um, cujo título foi *Situação da arte e do artista em Portugal*. O crítico referiu-se à alegada concentração artística lisboeta e ao desprezo geral pela criatividade, assim como à má gestão do património cultural nacional. A “Comissão Nacional Consultiva para as Artes Plásticas”, que funcionava no Ministério da Comunicação Social, foi acusada de “bairrismo lisboeta” e de falta de isenção nas escolhas, seleccionando-se, em alguns casos, artistas pertencentes à própria comissão<sup>23</sup>.

O país estava a procurar encontrar-se e definir-se aos mais diversos níveis. Em geral, fica-nos uma ideia de alguma desorientação governamental no âmbito da gestão cultural<sup>24</sup>, continuando a cumprir-se uma falta de articulação entre os diferentes intervenientes. A crise petrolífera mundial de 1973, aliada à instabilidade governativa do pós-25 de Abril, mergulhou o frágil mercado de arte português numa das suas maiores crises<sup>25</sup>. Inclusivamente, ter-se-ão mantido, e mesmo aumentado, os impostos sobre as obras de arte, assim como sobre os pincéis, telas, tintas, pastéis, etc.<sup>26</sup>, situação que claramente não facilitaria o processo de produção e comercialização. Por outro lado, a denominada “lei do um por cento”, que previa que um por cento da verba utilizada na construção civil fosse gasta em obras de arte, nunca teria sido aplicada por alegada falta de um verdadeiro projecto de política cultural<sup>27</sup>. No entanto, parece igualmente viver-se o reflexo da incapacidade de organização e de entendimento entre os próprios artistas, assim como uma burocracia complexa, historicamente enraizada.

Todavia, além da Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA), fundada em 1901<sup>28</sup>, merecem igualmente referência outras instituições que também desempenharam uma acção determinante ao longo do período em questão. Trata-se da Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), criada por Luís Reis Santos em 1955 e reestruturada em 1969, da Cooperativa Árvore (Porto), fundada

em 1963<sup>29</sup>, do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, instituído em 1958<sup>30</sup> – que nos anos setenta se institui como um verdadeiro laboratório experimental – ou da Cooperativa de Gravadores Portugueses “Gravura” (Lisboa), fundada em 1956, com oficina própria, e inicialmente programada pelos neo-realistas<sup>31</sup> – centros de “resistência cultural antifascista”<sup>32</sup>. Nas palavras de Rui Mário Gonçalves (1976): «Reflecta-se: as direitas coligam-se sempre mais facilmente do que as esquerdas. Estas são-no fundamentalmente por exigência moral, e daí uma mais frequente intransigência entre elas; e, do conseqüente divisionismo, se aproveitam as direitas. No plano artístico, as vanguardas são como as esquerdas políticas. (...) a arte é mais verdadeira que os artistas; as artes plásticas portuguesas, estando na vanguarda dos valores culturais (...) continuam a ser uma das actividades mais abandonadas e incompreendidas»<sup>33</sup>.

A própria reestruturação do ensino superior artístico prático e teórico tardava<sup>34</sup>, assim como a fundamental criação de um efectivo museu de arte moderna em Portugal. O Museu Nacional de Arte Contemporânea, localizado na antiga Galeria de Pintura da Academia Nacional de Belas-Artes (Lisboa), fundado em 1911 e inicialmente dirigido pelo pintor naturalista Carlos Reis, não terá apresentado as obras de jovens artistas que adquiriu no período marcelista, e a gestão das colecções obedecia a uma vontade centralizadora de concentrar num único espaço obras portuguesas de todas as épocas<sup>35</sup>. Depois do falecimento, em 1959, do seu empenhado director desde 1944, o escultor Diogo de Macedo, e da sucessão no cargo de Eduardo Malta, ter-se-á verificado um retrocesso evolutivo do espaço museológico<sup>36</sup>, só superado verdadeiramente em 1994, aquando da sua reabertura definitiva, com projecto de Jean-Michel Wilmotte e uma colecção organizada de artes plásticas portuguesas desde 1850 à actualidade. Como escreveria José-Augusto França (1980), em balanço da década: «(...) já se ensina estruturadamente História da Arte em universidades portuguesas, e até já se fez um encontro de professores da disciplina, em Coimbra. Mas que a preservação do Património continua em bolandas, por falta de acerto superior»<sup>37</sup>.

Ao longo do período em estudo, continuava a afirmar-se que não existiam museus de arte moderna e que as galerias, como a Galeria Quadrum (Lisboa), acabavam por mostrar o que de melhor se produzia no domínio artístico<sup>38</sup>. A Galeria Nacional de Arte Moderna era programada pela Direcção-Geral da Acção Cultural, tendo desempenhado um papel importante na divulgação da arte do momento, principalmente com o I Governo Constitucional e com Eduardo Prado Coelho como director geral da Acção Cultural. No sentido de evidenciar o estado precário e inactivo de alguns importantes espaços expositivos, formou-se na cidade do Porto a Comissão “Para uma

Cultura Dinâmica”, constituída por intelectuais e artistas ligados à Cooperativa Árvore. No dia 10 de Junho de 1974 procederam ao *Enterro do Museu Nacional de Soares dos Reis*, fazendo publicar um panfleto que tinha escrito o seguinte: “Ciclo Necrófilo do Porto/Morreu o Museu Soares dos Reis/Morto por inacção, enterra-se à porta do mesmo, no dia 10 às 16 horas/Funeral com alegria/Participa/Todos ao enterro do morto/Enterro a cargo da Comissão ‘Para uma Cultura Dinâmica’”. Nesta manifestação denunciava-se a situação de inércia em que viveria o importante museu portuense<sup>39</sup>.

Em 1976, na sequência de uma grande exposição colectiva denominada *Levantamento da Arte do Século XX no Porto* (Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, Julho de 1975; Lisboa, SNBA, Novembro de 1975), organizada por Ângelo de Sousa, Etheline Chamis Rosas, Fernando Pernes, Joaquim Vieira, Jorge Pinheiro e José Rodrigues<sup>40</sup> – no âmbito da qual, na opinião de José-Augusto França, se deram “bonecos” para o Povo como “entretém demagógico”<sup>41</sup> –, surgia uma instituição notável para o incremento das artes plásticas em Portugal. Trata-se do CAC (Centro de Arte Contemporânea), que esteve em funcionamento entre 1976 e 1980 no Museu Nacional de Soares do Reis (Porto), sob direcção de Fernando Pernes e, na opinião de José-Augusto França, foi «(...) a melhor criação do regime do 25 de Abril»<sup>42</sup>. O espaço expositivo assumiu-se como especificamente dedicado à arte do século XX, numa atitude dinâmica, didáctica e inovadora, antecipando o desejado museu de arte moderna lisboeta<sup>43</sup>.

O “Programa de Acção da Secretaria de Estado da Cultura”, publicado em 1976 na revista da sua responsabilidade editorial – *Informação Cultural* –, pode resumir-se: ao assegurar da conservação do património cultural, ao estímulo da investigação histórica e artística, ao fazer chegar a todos a cultura e a arte, ao impedir a instrumentalização partidária das actividades culturais e artísticas, ao fomentar o estudo da língua portuguesa, e ao estabelecimento de relações culturais com o exterior<sup>44</sup>. Porém, em 1979, escrevia-se por diversas vezes sobre o afastamento de artistas, de críticos e de outros agentes culturais dos centros de decisão<sup>45</sup>. Acusavam-se os silêncios governamentais no que respeita à cultura, e a consequente insegurança vivida pelos artistas e pelas instituições culturais. Os partidos políticos, na opinião de alguns críticos, não estariam a conseguir empenhar-se numa acção cultural de mérito. Ao invés, estariam envoltos em inércia e secretismo, nomeadamente, e mais uma vez, relativamente à recorrente questão da criação de um museu de arte moderna<sup>46</sup>.

Ainda em 1979, por despacho assinado pelo secretário de Estado da Cultura, Hélder Macedo, era estipulada a fundação de um museu de arte moderna na cidade do

Porto, nomeando-se Fernando Pernes seu director e programador. Depois de um processo consideravelmente moroso, o Estado adquiria, em 1986, a modernista Casa de Serralves para instalação provisória do museu portuense, que abriria ao público em 1987. Em 1995 mudavam-se estatutos e surgia o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, com projecto de Álvaro Siza Vieira, inaugurando-se o espaço em 1999 com a exposição *Circa 1968*, com curadoria de João Fernandes e de Vicente Todolí. Quanto ao Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão/Fundação Calouste Gulbenkian, só abriria ao público em 1983.

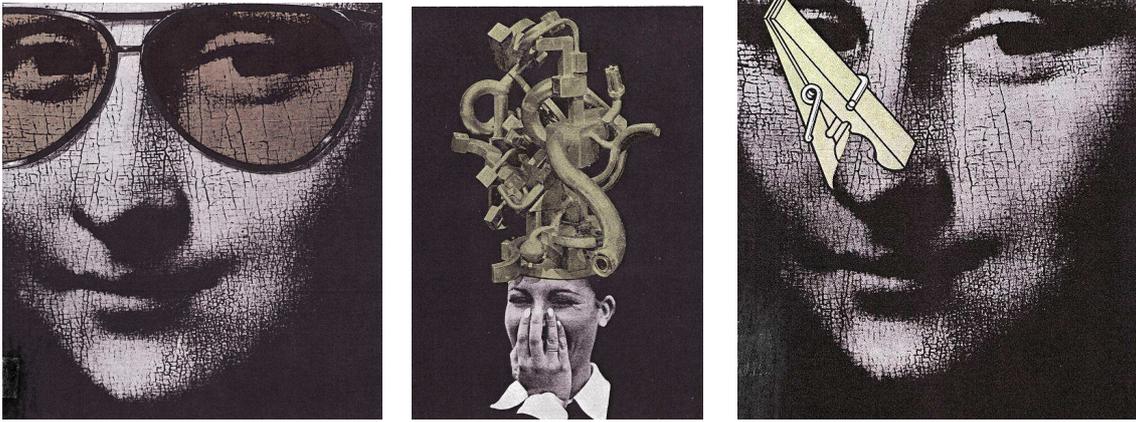
No fundo, a exposição destes vários aspectos permite-nos compreender as dificuldades no *medium* artístico português da época, apesar de uma actividade considerável: em 1972 teve lugar a *I Bienal de Jovens Artistas* (Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão); entre 1974 e 1977 realizaram-se os *Encontros Internacionais de Arte*, promovidos por Egídio Álvaro e pela Galeria Alvarez<sup>47</sup>; em 1975 organizaram-se na SNBA três “exposições-inquérito: *Figuração-Hoje?*”<sup>48</sup>, *Abstracção-Hoje?*”<sup>49</sup> e *Colagem e Montagem*”<sup>50</sup>; em 1977 realizaram-se as mostras colectivas *Artistas Portuguesas*<sup>51</sup>, *O Erotismo na Arte Moderna Portuguesa*<sup>52</sup> e *Mitologias Locais*<sup>53</sup> (SNBA, Lisboa); em 1978 inaugurava-se a *Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira*; em 1979 acontecia a única edição de *LIS’79 – Lisbon International Show/Exposição Internacional de Desenho*<sup>54</sup>.



7. III *Encontros Internacionais de Arte*, 1976, Póvoa de Varzim. É visível uma intervenção de Albuquerque Mendes.



8. IV *Encontros Internacionais de Arte*, 1977, Caldas da Rainha. Imagem de uma intervenção da dupla inglesa Miller e Cameron. Fotografia de Eurico Gonçalves.



9. Catálogos das exposições *Figuração-Hoje?*, *Abstracção-Hoje?*, *Colagem e Montagem*. Lisboa: SNBA, 1975.

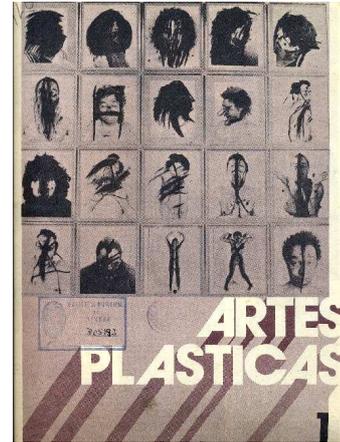
Do ponto de vista da circulação de informação, salvo algumas excepções, os periódicos portugueses davam pouca atenção às questões artísticas, precisamente numa altura de liberdade de expressão. A política dominava a ordem do dia, mas, segundo José-Augusto França (1975), seria importante falar dos objectos e dos artistas, assim como dos museus, do ensino artístico e da historiografia, os quais o país não dispunha de modo adequado<sup>55</sup>. Na verdade, a revista *Colóquio/Artes* assumiu um carácter único no nosso país «(...) difundindo, na circulação internacional que obteve, o conhecimento dos artistas nacionais mais novos»<sup>56</sup>. Não se pode deixar de mencionar esta preocupação, em estreita relação com a vontade de reflectir sobre a arte do momento, nomeadamente através dos “Balanços” e das “Cartas” de Lisboa, do Porto, de Paris, de São Paulo, etc. Merece ainda referência o elevado nível gráfico da publicação, conseguido também pela sobriedade possante da capa, onde, de resto, apareciam reproduzidas obras de artistas portugueses, consagrados e emergentes. Contudo, ter-se-á verificado um certo “alheamento deliberado” na década de oitenta<sup>57</sup>. Podem referir-se ainda outras publicações de relevo, tais como, o semanário *Expresso* (Lisboa, 1973-), a revista *Arte/Opinião*, lançada em 1978 pelos alunos da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, *Opção* (Lisboa, 1976-1978), *Brotéria* (Lisboa, 1925-1999), ou ainda, entre 1973 e 1977, a *Revista de Artes Plásticas* (editada pela Galeria Alvarez, Porto).



10. Colóquio/Artes. N.º 1 (Fev. 1971).  
*Uma rosa é* (pormenor), João Vieira, 1968.



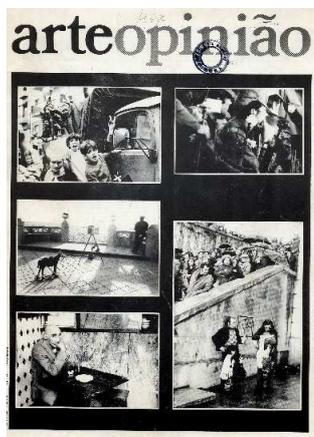
11. Colóquio/Artes. N.º 7 (Abr. 1972).  
*Sedução de miss Europa* (pormenor), Nikias Skapinakis, 1970.



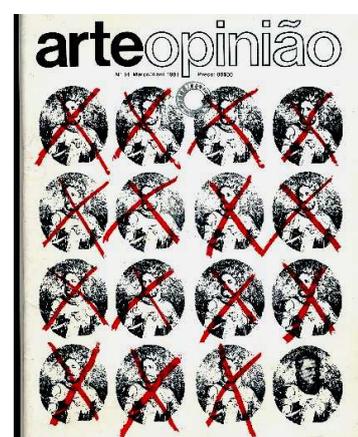
12. Revista de Artes Plásticas.  
N.º 1 (Out. 1973).



13. Revista de Artes Plásticas  
N.º 5 (Set. 1974).



14. Arte/Opinião. N.º 1 (Dez. 1978).



15. Arte/Opinião. N.º 14 (Mar./Abr. 1981).

No que diz respeito à reflexão crítica, um denominador comum prende-se, sobretudo, com toda a problemática que envolve a ideia do presente artístico e da vanguarda. Esta assumir-se-ia como recusa ao imobilismo e aos sistemas de representação instituídos mas, na opinião de críticos mais reservados, como Rocha de Sousa, a estética da vanguarda devia ter em consideração a redescoberta de alguns elementos perenes e duradouros do passado – clássicos, se quisermos –, no sentido de conferir ao tempo actual (década de setenta) os dados susceptíveis de se enraizar no corpo social e conferir-lhe novas, mas consistentes, perspectivas de renovação<sup>58</sup>. Por seu lado, e numa perspectiva antagónica, Ernesto de Sousa considerava que se vivia num período que devia ser marcado pelo fim dos especialistas, isto é, pelo final da opacidade, por oposição à transparência teórica. Tratava-se da emergência de uma produção estética e contracultural, que se baseasse na produção de ferramentas que permitissem a todos o acesso ao real – objecto estético. A “Festa” seria o modo de eliminar as fronteiras, nomeadamente, do onde começa a expressão e acaba a acção,

uma espécie de descoberta dos paraísos perdidos e das relações interpessoais. A aceleração das vanguardas era um dado adquirido. Vivia-se num mundo catastrófico mas não existia outro e, contudo, lá ia “vindo a Primavera”<sup>59</sup>. A arte total implicaria que todos e “Tudo” fossem arte e que, portanto, “Nada” fosse arte também. Ser artista total seria uma decisão, uma aposta que tinha sido levada a cabo, por exemplo, por Ben Vautier ou, entre nós, por José Rodrigues<sup>60</sup>.

Efectivamente, José Ernesto de Sousa (1921-1988) foi uma figura de considerável versatilidade – crítico, cineasta, “operador estético”, jornalista, ensaísta, organizador de exposições<sup>61</sup>, professor, cineclubista<sup>62</sup> –, catalizadora de pessoas e de práticas artísticas, especialmente ao longo dos anos setenta, não obstante o seu percurso fragmentário, eclético e eventualmente contraditório<sup>63</sup>, o qual se prolongou ao longo dos anos oitenta, até ao seu falecimento. No final dos anos sessenta, Ernesto de Sousa, outrora ligado ao neo-realismo, começa a interessar-se vivamente pela vanguarda, pela arte conceptual e pelo conceptualismo. Na perspectiva de Miguel Wandschneider, trata-se de um corte epistemológico e operacional radical, que se reveste de uma deslocação de conceitos e de campos artísticos: do (neo)realismo para a vanguarda – particularmente para a arte conceptual – e do cinema para as artes plásticas. Esta deslocação terá sido fortemente motivada pelo alegado fracasso da sua carreira de realizador de cinema<sup>64</sup>. Por seu lado, José Miranda Justo considera que Ernesto de Sousa terá compreendido que o conceito deverá ser dinâmico, isto é, produzido a partir da materialidade da experiência estética<sup>65</sup>.

Independentemente destas questões, que não cumpre neste espaço analisar, um momento determinante para Ernesto de Sousa foi a visita à *Documenta 5*, em 1972, na República Federal da Alemanha. Esta mostra colectiva internacional constituiu-se como um dos mais importantes marcos do momento artístico que então se vivia, proclamando-se o “campo expandido” na arte e as suas inúmeras possibilidades, e contou com a presença de Ben Vautier, Claes Oldenburg, Christian Boltanski, Edward Kienholz, John De Andrea, Joseph Beuys, Richard Serra, Vito Acconci, entre outros, estando inclusivamente na origem do interesse e dos comentários de alguns críticos portugueses na altura<sup>66</sup>. Ernesto de Sousa terá sido o primeiro crítico português a ir lá<sup>67</sup> e descreveu com alguma minúcia a sua visita aos 100 dias da *Documenta*, marcada pela “Festa” no centro da vanguarda artística contemporânea, num itinerário sem imposições.

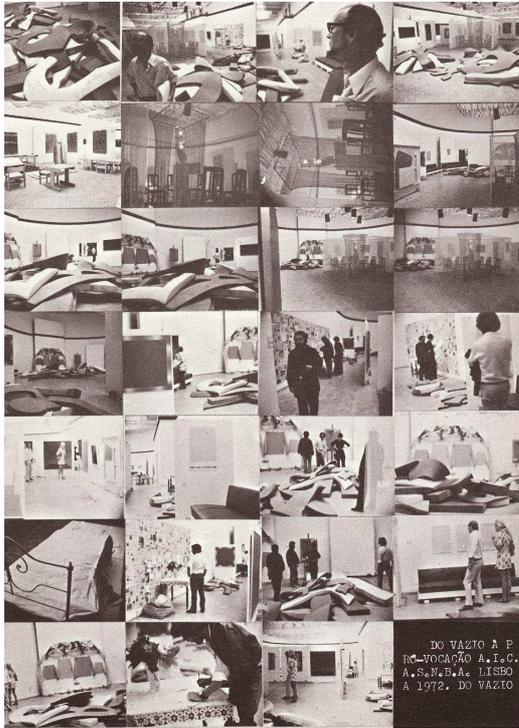
Na opinião de Ernesto de Sousa, a *Documenta 5* seria ainda mais importante do que as *Bienais de São Paulo* e de *Veneza*, representando uma grande amplitude de tendências, uma nova utilização do humor, a eliminação da distância entre o criador e o

receptor – nomeadamente ao nível da abertura do espaço físico –, a valorização do efémero, de tudo o que nos envolve, e do carácter pedagógico da arte de vanguarda<sup>68</sup>. No âmbito desta visita e na busca do “Diálogo”, Ernesto de Sousa faria uma interessante entrevista ao Joseph Beuys, publicada no jornal *República* (28 Dez.1972). O contacto de Ernesto de Sousa com as tendências artísticas do momento, e particularmente com Joseph Beuys – “vanguarda *hot*”, conceptualismo politicamente comprometido –, seria determinante para a conseqüente divulgação da obra do autor de *Como explicar imagens a uma lebre morta*, 1965 ou de Wolf Vostell em Portugal, nomeadamente através de textos e dos trezentos diapositivos que trouxe de Kassel e que mostrou pela primeira vez no *atelier* de Eduardo Nery<sup>69</sup>.



16. O encontro de Ernesto de Sousa com Joseph Beuys, 1972. “ANTIARS + ARS = ARS”. Espólio Ernesto de Sousa, Lisboa.

Ainda neste ano de 1972, a Secção Portuguesa da AICA, que só começara verdadeiramente a funcionar em 1969, em grande medida devido aos esforços de Rui Mário Gonçalves e de Fernando Pernes<sup>70</sup>, institui as exposições *AICA/SNBA*, evidenciando um entrosamento entre as artes plásticas e a crítica. Estes eventos estabeleceram-se como veículos de problematização da própria crítica no contexto cultural em que esta se movimentava<sup>71</sup>. As *EXPO AICA SNBA* de 1972 e 1974 foram particularmente relevantes, tendo-se, em ambas, destinado uma secção expositiva a um crítico, que escolhia os respectivos artistas<sup>72</sup>. Dentro destes parâmetros, Ernesto de Sousa organizaria os núcleos *Do Vazio à Pró-Vocação* (1972)<sup>73</sup> e *Projectos-Ideias* (1974)<sup>74</sup>, claramente direccionados para a pesquisa e experimentação, todavia, na opinião do crítico Francisco Bronze – não interveniente em nenhuma das duas mostras –, as novas formas de comunicação propostas pela maioria dos operadores estéticos seria apenas compreensível por alguns críticos e uma reduzida elite<sup>75</sup>.



17. Imagens de *Do Vazio à Pró-Vocação*, 1972. Espólio Ernesto de Sousa, Lisboa.

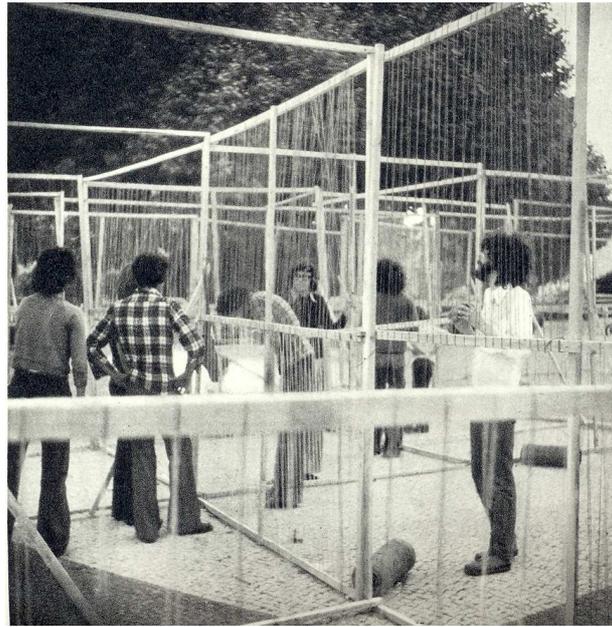


18. Imagens de *Projectos-Ideias*, 1974. Espólio Ernesto de Sousa, Lisboa.

Um outro momento importante no âmbito das artes plásticas e da crítica dos anos setenta portugueses, foi o facto de a democratização do país tornar finalmente viável a realização, em Portugal, do *Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte*, outrora negado pela situação colonialista do país<sup>76</sup>. O congresso teve lugar em Setembro de 1976, tendo sido organizado pela Secção Portuguesa da AICA, presidida por Salette Tavares, e apoiada institucionalmente pela Secretaria de Estado da Cultura, pela SNBA e pela Fundação Calouste Gulbenkian. O evento subordinou-se à temática geral *Arte moderna e arte negro-africana: relações recíprocas*. Na senda deste importante encontro, a AICA promoveu a realização de algumas exposições, incumbindo Ernesto de Sousa de organizar uma delas, que se intitularia provisoriamente *Tendências Polémicas da Arte Contemporânea Portuguesa*<sup>77</sup> e, posteriormente, *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*. Mas, alegadamente por atrasos no financiamento, esta exposição só seria realizada no ano seguinte<sup>78</sup> (28 de Fevereiro a 31 de Março, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa) e foi o evento colectivo mais importante da década, que aglutinou artistas e sinergias, vindos justamente de *Do Vazio à Pró-Vocação*, *Projectos-Ideias*, das relevantes acções do Círculo de artes Plásticas de Coimbra – *Agressão com o Nome de J. Beuys* (1972), *Aniversário da Arte* (1974) e *Semana da Arte (da) na Rua* (1976)<sup>79</sup> –, assim como de algumas actividades individuais<sup>80</sup>.



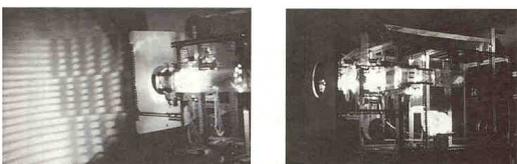
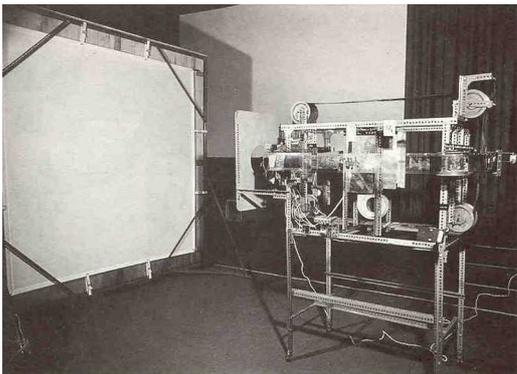
19. Imagens de 1.000.011.º Aniversário da Arte. Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1974. Espólio Ernesto de Sousa, Lisboa.



20. Semana da Arte (da) na Rua, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1976. Espólio Ernesto de Sousa, Lisboa.

Participaram na exposição perto de cinquenta participantes/operadores estéticos, incluindo o próprio Ernesto de Sousa<sup>81</sup>, que pretendeu apresentar uma visão perspectiva e prospectiva: «“Alternativa Zero” pretende ser algo mais do que uma exposição; (...) pretende ser uma exposição aberta, com todas as consequências possíveis nesta sociedade, inclusive concorrer (ainda que pouco) para transformá-la. (...) O que se pretende é sobretudo demonstrar a importância menor do objecto de arte, face aos sujeitos envolvidos pela actividade estética, face ao PROCESSO ESTÉTICO<sup>82</sup>». O “zero” permitiria escrever o futuro “numa folha em branco”<sup>83</sup>, propunha-se simbolizar um começo – “passagem do vazio ao chamamento”; “do vazio à pró-vocação”<sup>84</sup>. No evento tiveram lugar concertos, conferências, oficinas de crianças, a própria presença do Living Theatre<sup>85</sup>, e apresentou-se um elevado número de obras, sobre vários suportes – vídeo, super8, fotografia, pintura, escultura, artes de acção, etc. – na sua maioria ligadas aos desenvolvimentos da arte conceptual, mas já com uma fragmentação, interacção de linguagens, ironia e recriação que faria, de certo modo, antever uma estética pós-moderna em Portugal, embora não tenha sido essa a intenção do organizador<sup>86</sup>. Exposição bastante discutida pela crítica<sup>87</sup> – laudativa ou recriminatória – a *Alternativa Zero* estabeleceu o final de uma época – os anos sessenta/setenta e a tentativa experimentalista a eles associado – ao mesmo tempo que inaugurou uma actividade

curatorial inédita em Portugal, assim como a preparação do olhar para contemplações futuras.



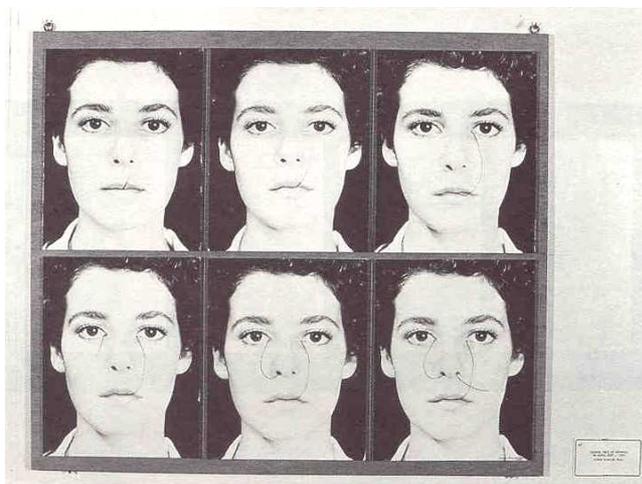
**21.** *Máquina II*, Júlio Bragança, 1969. Máquina cinética com projecção aleatória. Colecção particular. Fotografias de João Freire e Ernesto de Sousa, Fundação de Serralves, Porto. Peça apresentada em *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, 1977.



**22.** *Mulher-Terra-Vida*, Clara Meneres, 1977. Madeira, terra, relva e acrílico (90 x 180 x 300 cm). Colecção particular. Fotografia de Rui Mário Gonçalves. Escultura apresentada em *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, 1977.



**23.** *Pintura habitada*, Helena Almeida, 1976. Fotografia a preto e branco com pintura acrílica (46 x 40 cm). Colecção Módulo/Centro Difusor de Arte, Lisboa/Porto. Obra apresentada em *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, 1977.



**24.** *Quando vejo os desenhos da minha mãe*, Joana Rosa, 1976. Seis fotografias a preto e branco montadas s/platex (29 x 22 cm). Colecção particular. Fotografia de João Freire. Fundação de Serralves, Porto. Peça apresentada em *Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*, 1977.

Em conclusão, os anos setenta portugueses permitiram um amadurecimento de linguagens e experiências vindas já, em alguns casos, da década anterior. A própria abertura do regime terá sido propícia à criação em liberdade, contudo, as dificuldades e

contradições de uma democracia imatura e a falta de um *medium* artístico enraizado, e não obstante determinadas propostas de grande validade, foi necessariamente adiando a urgente modernidade. Sabemos, contudo, que seria improvável ter acontecido de outro modo. Praticamente tudo implica tempo, consciência e perseverança.

### Referências bibliográficas (selecção)

- 50 ANOS de Arte Portuguesa. Org. e textos de Raquel Henriques da Silva, Ana Filipa Candeias, Ana Riuvo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. [Catálogo da exposição].
- AA. VV. – *Portugal 45-95 nas artes nas letras e nas ideias*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, 1998.
- ABSTRACÇÃO-*Hoje?* Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].
- ALBUQUERQUE, Isabel – Alternativa Zero. *Arte Teoria: Revista do Mestrado em Teorias da Arte*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. N.º 2 (2001), p. 72-81.
- ALMEIDA, Bernardo Pinto de – Os anos sessenta ou o princípio do fim do processo da modernidade. In PERNES, Fernando (coord.) – *Panorama arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, 213-249.
- *Pintura portuguesa no século XX*. 3.ª ed. Porto: Lello Editores, 2002.
- ALTERNATIVA Zero: *Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*. Org. de Ernesto de Sousa; textos de Ernesto de Sousa e Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1977. [Catálogo da exposição].
- ÁLVARO, Egídio – Debates. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 7/8 (Dez./Jan. 1977), p. 54-62.
- Documenta 5 Kassel. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 1 (Out. 1973), p. 16-21.
- Grupo Puzzle. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 7/8 (Dez./Jan. 1977), p. 18-21.
- Portugal 76. Vanguardas alternativas. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 7/8 (Dez./Jan. 1977), p. 25-28.
- Revolução, intervenção, intenção. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 5 (Set. 1974), p. 9-10.
- Salão da crítica. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 8-11.
- ÁLVARO, Egídio [et. al] - Encontros Internacionais de Arte em Valadares. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 6 (Jan. 1975), p. 8-18.
- A “NOVA crítica portuguesa” e Vieira da Silva. Diálogo entre Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, e Francisco Bronze. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 58 (Abr. 1970), p. 41-46.
- [A redacção] – Contra a cultura burguesa por uma cultura democrática popular. *O Tempo e o Modo*. Lisboa. N.º 108 (Nov./Dez. 1974), p. 25-28.
- ARTISTAS Portuguesas. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977. [Catálogo da exposição].
- A SITUAÇÃO da arte em Portugal. Mesa redonda com José-Augusto França, Ernesto de Sousa, Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes. *Jornal de Letras & Artes*. Lisboa. N.º 276 (Maio 1970), p. 8-20.
- AZEVEDO, Armando – A Irmandade do CAPC de 70. *Rua Larga/Caderno Temático* Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 10 (Out. 2005), p. 11.

- AZEVEDO, Fernando de – EXPO AICA SNBA 1972. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 9 (Out. 1972), p. 49-51.
- BRANCO, João de Freitas – O bom e o mau em arte como resultante dum processo democrático. *Seara Nova*. Lisboa. N.º 1590 (Abr. 1978), p. 42-43.
- BRONZE, Francisco – Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 1 (Fev. 1971), p. 43-45; n.º 7 (Abr. 1972), p. 52-55; n.º 16 (Fev. 1974), p. 66-68; n.º 28 (Jun. 1976), p. 66-67.
- CAPC: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Prática de arte contemporânea. *Rua Larga*. Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 6 (Out. 2004), p. 37-39.
- CARLOS, Isabel – Alteridade ao fundo das Escadas Monumentais. *Rua Larga/Caderno Temático* Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 10 (Out. 2005), p. 8.
- CERQUEIRA, João – Arte de vanguarda no Porto dos anos 60 e 70. *Arte Ibérica*. Lisboa. N.º 44 (Mar. 2001), p. 13-17.
- CHICÓ, Sílvia – Antes e após o 25 de Abril de 1974. In PERNES, Fernando (coord.) – *Panorama arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, p. 255-279.  
– As artes depois de Abril. *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa. N.º 94 (Abr. 1984), p. 20-21.
- COELHO, Eduardo Prado – Alternativa Zero: artes plásticas, que ideia! *Opção*. Lisboa. N.º 46 (Mar. 1977), p. 41.
- COLAGEM e Montagem. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].
- COUCEIRO, Gonçalo – *Artes e revolução*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- DINIZ, Victor – O Círculo de artes Plásticas de Coimbra. *Rua Larga/Caderno Temático* Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 10 (Out. 2005), p. 2-7.
- DIONÍSIO, Eduarda – *Títulos, acções, obrigações (a cultura em Portugal, 1974-1994)*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993.
- ENCONTROS Internacionais de Arte na Póvoa de Varzim. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 1 (Dez. 1976), p. 37.
- ERNESTO de Sousa. *Revolution my Body*. Curadoria de Maria Helena de Freitas e Miguel Wandschneider; textos de Maria Helena de Freitas, Miguel Wandschneider, José Miranda Justo [et. al]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. [Catálogo da exposição].
- EXPO AICA SNBA 1972. Lisboa: [Sociedade Nacional de Belas-Artes], 1972. [Catálogo da exposição].
- EXPO AICA SNBA 1974. Lisboa: [Sociedade Nacional de Belas-Artes], 1974. [Catálogo/dossier da exposição].
- FIGURAÇÃO- Hoje? Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].
- FRANÇA, José-Augusto - A Alternativa e o zero. *Diário de Lisboa*. Lisboa. N.º 19 307 (21 Mar. 1977), p. 3.  
– *A arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910-2000*. 4.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.  
- A década, a década, a década. *Diário de Lisboa*. Lisboa. N.º 20 151 (10 Jan. 1980), p. 3.  
- Alternativa/prospectiva. *Expresso/Revista*. Lisboa (25 Mar. 1977), p. 18.  
- *História da arte em Portugal: o modernismo (século XX)*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. Vol. 6.

- Levantamento da Arte do Século XX no Porto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 25 (Dez. 1975), p. 79.
  - Pintura e escultura anos 60 & 70. *Colóquio/Artes*. Lisboa. N.º 99 (Dez. 1993), p. 22-33.
  - *Quinhentos folhetins*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984/1993. 2 vols.
- FREITAS, Lima de – Arte, intervenção, ideologia. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 5 (Set. 1974), p. 4-8.
- GONÇALVES, Eurico – Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 21 (Fev. 1975), p. 66-67.
- IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 5 (1977), p. 50-53.
  - IV Encontros Internacionais de Arte nas Caldas da Rainha. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 34 (Out.1977), p. 71-73.
  - Movimento Democrático de Artistas Plásticos: a intervenção necessária. *Flama*. Lisboa. N.º 1378 (1974), p. 38-42.
  - O 25 de Abril e as artes plásticas. *Diário de Notícias/Caderno 2*. Lisboa. N.º 44 959 (26 Abr. 1992), p. 10.
- GONÇALVES, Rui Mário – *10 anos de artes plásticas e arquitectura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editorial Caminho, 1985.
- A situação actual da pintura portuguesa. *Arte/Opinião*. Lisboa: Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design da ESBAL. N.º 1 (Dez. 1978), p. 17-18.
  - Artes plásticas: do colectivismo ao individualismo. In REIS, António (dir.) – *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1992. Vol. 6, p. 325-334.
  - Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 15 (Dez. 1973), p. 61-63; n.º 35 (Dez. 1977), p. 85-87; n.º 36 (Mar. 1978), p. 64-65; n.º 37 (Jun. 1978), p. 58-60; n.º 38 (Set. 1978), p. 65-67; n.º 39 (Dez. 1978), p. 64-65; n.º 40 (Mar. 1979), p. 61-63; n.º 41 (Jun. 1979), p. 60-62; n.º 43 (Dez. 1979), p. 61-63; n.º 47 (Dez. 1980), p. 64-66.
  - *História da arte em Portugal: de 1945 à actualidade*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 13.
  - Lisboa 1974/1975: agitação e desperdícios. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 24 (Out. 1975), p. 32-39.
  - Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 19 (Out. 1974), p. 31-37; n.º 29 (Out. 1976), p. 33-39; n.º 34 (Out. 1977), p. 36-44.
  - Lisboa e Porto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 14 (Out. 1973), p. 36-40.
  - *Pintura e escultura em Portugal – 1940-1980*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1980.
  - Pinturas modernas num café de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa. N.º 3 (Jun. 1971), p. 22-33.
  - Uma perspectiva : "Documenta 5" Kassel. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 9 (Out. 1972), p. 45-47.
  - *Vontade de mudança: cinco décadas de artes plásticas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- ITINERÁRIOS : Ernesto de Sousa*. Textos de Eduardo Prado Coelho, José-Augusto França, Maria Estela Guedes, José Luís Porfírio e Ernesto de Sousa. [Lisboa/Porto] : Secretaria de Estado da Cultura/Casa de Serralves, 1987. [Catálogo da exposição].

- LEVANTAMENTO da Arte do Século XX no Porto*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 1975. [Catálogo da exposição].
- LIS'79 – Lisbon International Show/Exposição Internacional de Desenho Portugal*. Apresentação de Achille Bonito Oliva. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1979. [Catálogo da exposição].
- MACEDO, Rita Andreia Silva Pinto de – *Artes plásticas em Portugal no período marcelista (1968-1974)* [texto policopiado]. Lisboa: [s.n.], 1998. Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- MELO, Alexandre – *Arte e artistas em Portugal/Art and artists in Portugal*. Lisboa: Instituto Camões/Bertrand Editora, 2007.
- Arte e mercado. *Arte Ibérica*. Lisboa. N.º 31 (Jan. 2000), p. 82.
  - *Arte e Mercado em Portugal: inquérito às galerias e uma carreira de artista*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1999.
  - *Artes plásticas em Portugal: dos anos 70 aos nossos dias*. Algés: Difel, 1998.
- MELO, Alexandre; PINHARANDA, João – *Arte contemporânea portuguesa/Portuguese contemporary art*. Lisboa: Ed. dos Autores, 1986.
- MITOLOGIAS Locais*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977. [Catálogo da exposição].
- MOREIRA, Vital – A edificação do novo sistema constitucional democrático. In REIS, António (dir.) – *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1992. Vol. 6, p. 81-116.
- MOTA, Arlindo (texto); SOARES, Pedro (fotografia) – *Formas de liberdade: o 25 de Abril na arte pública portuguesa*. Lisboa: Montepio Geral, 1999.
- MOVIMENTO Democrático de Artistas Plásticos. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 37.
- MOVIMENTO Democrático de Artistas Plásticos: a arte fascista faz mal à vista. *Flama*. Lisboa. N.º 1370 (1974), p. 40-41.
- NOGUEIRA, Isabel – Almada Negreiros e Ernesto de Sousa: o “ser moderno em Portugal”. In PITA, António Pedro; TRINDADE, Luís (coord.) – *Transformações estruturais do campo cultural português (1900-1950)*. Coimbra: Ariadne Editora, 2005, p. 281-295.
- Breve reflexão sobre o ensino superior artístico em Portugal entre os anos sessenta e oitenta. *Biblos: Revista da Faculdade de Letras*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. N.º 5 (2007), p. 131-136.
  - *Do pós-modernismo à exposição Alternativa Zero*. Lisboa: Vega, 2007.
  - Ernesto de Sousa e a promoção das vanguardas em Portugal. *Nu*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. N.º 24 (Out. 2005), p. 23-26.
  - O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra nos anos setenta: “A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti”. *Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal*. Coimbra: Câmara Municipal. N.º 38 (2005), p. 169-182.
  - Os trinta anos da *Alternativa Zero*. *Rua Larga*. Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 18 (Out. 2007), p. 20-21.
- OBJECTIVOS fundamentais da Secretaria de Estado da Cultura: programa de acção. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 1 (Dez. 1976), p. 3.
- O EROTISMO na Arte Moderna Portuguesa*. Lisboa: [S.l.], 1977. [Catálogo da exposição].
- O EROTISMO na arte portuguesa. *Opção*. Lisboa. N.º 54 (Maio 1977), p. 11.

- O FUNERAL do Museu Soares dos Reis. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 37.
- PELAYO, Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal – *Artes plásticas e vanguarda. Portugal, 1968 – Abril 1974* [texto policopiado]. Porto: [s.n.], 1999. 2 vols. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Universidade do Porto.
- PERNES, Fernando – Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 2 (Abr.1971), p. 62-65.
- Carta de Lisboa e do Porto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 4 (Out. 1971), p. 39-45; n.º 6 (Fev. 1972), p. 47-49; n.º 9 (Out. 1972), p. 36-38; n.º 10 (Dez. 1972), p. 61-63; n.º 11 (Fev. 1973), p. 65-67; n.º 12 (Abr. 1973), p. 61-63.
- Carta do Porto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 30 (Dez. 1976), p. 73-75; n.º 36 (Mar. 1978), p. 66-68.
- PERNES, Fernando (coord.) – *Século XX: panorama da cultura portuguesa*. Porto: Fundação de Serralves/Edições Afrontamento, 2002. 3 vols.
- PERSPECTIVA: Alternativa Zero*. Curadoria de João Fernandes; Coord. de João Fernandes e Maria Ramos; textos de Egídio Álvaro, Eduardo Prado Coelho, José-Augusto França [et. al]. Porto: Fundação de Serralves, 1997. [Catálogo da exposição].
- PINHARANDA, João - A arte portuguesa no século XX. In PINTO, António Costa (coord.) – *Portugal contemporâneo*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000, p. 279-308.
- *Alguns corpos: imagens da arte portuguesa entre 1950 e 1990*. Lisboa: EDP – Electricidade de Portugal, 1998.
- Anos 70: um tempo de passagem. In PEREIRA, Paulo (dir.) – *História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3, p. 611-614.
- Anos 80: “A Idade da Prata”. In PEREIRA, Paulo (dir.) – *História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3, p. 615-629.
- PORFÍRIO, José Luís – A “EXPO – AICA – SNBA – 1972”. *Brotéria: Cultura e Informação*. Lisboa. Vol. 95, n.º 10 (Out. 1972), p. 353-358.
- *Alternativa Zero: a vanguarda e os mitos*. *Brotéria: Cultura e Informação*. Lisboa. Vol. 104, n.º 5/6 (Maio/Jun. 1977), p. 555-565.
- Arte e sociedade: a relação ilustrativa a propósito de um (mau) exemplo de divulgação. *Brotéria; Cultura e Informação*. Lisboa. Vol. 100, n.º 2 (Fev. 1975), p. 178-182.
- Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 31 (Fev. 1977), p. 64-65.
- PORTO 60/70: os Artistas e a Cidade*. Coord. de Cláudia Gonçalves e Maria Ramos; curadoria de João Fernandes e Fátima Lambert; textos de João Fernandes, Fátima Lambert, Fernando Pernes. Porto: Fundação de Serralves/Edições Asa, 2001. [Catálogo da exposição].
- QUE REESTRUTURAÇÃO? Que ensino superior artístico? *Arte/Opinião*. Lisboa: Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design da ESBAL. N.º 3 (Fev. 1979), p. 19-20.
- ERNESTO de Sousa. Revolution my Body*. Curadoria de Maria Helena de Freitas e Miguel Wandschneider; textos de Maria Helena de Freitas, Miguel Wandschneider, José Miranda Justo [et. al]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. [Catálogo da exposição].
- ROSA, Manuel – O mural como elemento valorizador da paisagem urbana. *Arte/Opinião*. Lisboa: Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design da ESBAL. N.º 5 (Abr. 1979), p. 2-4.

- SANTOS, Mariana Pinto dos – *Vanguarda & outras loas. Percorso teórico de Ernesto de Sousa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- SARDO, Delfim – Alternativa Zero. Quando o zero existia. *Arte Ibérica*. Lisboa. N.º 7 (Ago./Set. 1997), p. 18-19.
- SILVA, Helena Vaz da - Alternativa Zero. *Expresso/Revista* (“Expresso escolhe”). Lisboa. N.º 230 (25 Mar. 1977), p. 18.
- SILVA, Jorge Alves da - Como Alternativa o Zero. *Expresso/Revista*. Lisboa. N.º 230 (25 Mar. 1977), p. 18.
- SOUSA, Ernesto de – “Alternativa Zero”: uma criação consciente de situações. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 34 (Out. 1977), p. 45-53.
- A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti. *Lorenti’s*. Lisboa. N.º 20 (Jan. 1974), p. 4, 6.
  - Alternativa Zero. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 3 (Maio 1977), p. 19-22.
  - Arte na rua. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 29 (Out. 1976), p. 70.
  - José Rodrigues: vanguarda e com-sentimento. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 18 (Jun. 1974), p.43-50.
  - O Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) em Portugal. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 29 (Out. 1976), p. 56-57.
  - O Grupo Acre e a apropriação. *Vida Mundial*. Lisboa. N.º 1845 (Jan. 1975), p. 41.
  - O mural do 10 de Junho ou a passagem ao acto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 19 (Out. 1974), p. 44-47.
  - Os 100 dias da 5.ª “Documenta”. *Lorenti’s*. Lisboa. N.º 11 (Fev. 1973), p. 41-47.
  - Performar. *Opção*. Lisboa. N.º 101 (Mar./Abr. 1978), p. 48-49.
  - *Ser moderno... em Portugal* [antologia de textos do autor]. Org. de Isabel Alves e José Miranda Justo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
  - The Living Theatre — sempre inadequado. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 33 (Jun.1977), p. 32-39.
- SOUSA, Rocha de – Alternativa Zero. Para além das más assimilações e salóismos, o mérito de lançar a polémica. *Opção*. Lisboa. N.º 47 (Mar. 1977), p. 54-55.
- *Deriva do ensino superior artístico em Portugal ou as reformas de papel. Depoimento*. Lisboa: [s.n.], 1996. 36 p. Trabalho realizado no âmbito da Licença Sabática da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
  - É preciso falar a tempo no ensino artístico. *Seara Nova*. Lisboa. N.º 1547 (Set. 1974), p. 12-13.
  - Ensino superior artístico. Um encontro que é a recusa do silêncio e dos adiamentos. *Opção*. Lisboa. N.º 98 (Mar. 1978), p. 47-49.
  - Exposição AICA 74/SNBA. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 30.
  - Exposição colectiva inaugural/Galeria Quadrum. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 3 (Fev. 1974), p. 27.
  - Museu não é armazém de arte. Prova: o Centro de Arte Contemporânea. *Opção*. Lisboa. N.º 14 (Jul./Ago. 1976), p. 50-51.

– Nem tudo são rosas na modernidade que nos cabe. *Opção*. Lisboa. N.º 107 (Maio 1978), p. 47-48.

- Paineis dos artistas democratas/Galeria de Arte Moderna de Belém. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 6 (Jan. 1975), p. 34.

- Vanguarda e actualidade. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 2 (Jan. 1974), p. 5.

TAVARES, Cristina Azevedo – *A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte*.

Vila Nova de Cerveira: Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira/Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.

– As artes plásticas em Portugal no século XX. In FERRARI, Silvia – *Guia de história da arte contemporânea. Pintura, escultura, arquitectura: os grandes movimentos*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 186-208.

– Iremos evocar aquele que nunca gostou de homenagens – José Ernesto de Sousa. *Vértice*. Lisboa. N.º 9 (Dez. 1988), p. 113-114.

---

<sup>1</sup> Investigadora do CEIS-20. Universidade de Coimbra.

<sup>2</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de – Os anos sessenta ou o princípio do fim do processo da modernidade. In PERNES, Fernando (coord.) – *Panorama arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, p. 213-214.

<sup>3</sup> BRONZE, Francisco – Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 28 (Jun. 1976), p. 66.

<sup>4</sup> [A redacção] – Contra a cultura burguesa por uma cultura democrática popular. *O Tempo e o Modo*. Lisboa. N.º 108 (Nov./Dez. 1974), p. 26.

<sup>5</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 27-28.

<sup>6</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário – Lisboa 1974/1975: agitação e desperdícios. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 24 (Out. 1975), p. 32-34.

<sup>7</sup> Ver MOREIRA, Vital – A edificação do novo sistema constitucional democrático. In REIS, António (dir.) – *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1992. Vol. 6, p. 81-116.

<sup>8</sup> Cf. PINHARANDA, João – A arte portuguesa no século XX. In PINTO, António Costa (coord.) – *Portugal contemporâneo*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000, p. 295; CHICÓ, Sílvia – As artes depois de Abril. *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa. N.º 94 (Abr. 1984), p. 20-21.

<sup>9</sup> Cf. MOVIMENTO Democrático de Artistas Plásticos: a arte fascista faz mal à vista. *Flama*. Lisboa. N.º 1370 (1974), p. 40-41.

<sup>10</sup> CHICÓ, Sílvia – Antes e após o 25 de Abril de 1974. In PERNES, Fernando (coord.) – *Panorama arte portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, p. 255.

<sup>11</sup> Ver MOTA, Arlindo (texto); SOARES, Pedro (fotografia) – *Formas de liberdade: o 25 de Abril na arte pública portuguesa*. Lisboa: Montepio Geral, 1999; COUCEIRO, Gonçalo – *Artes e revolução*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

<sup>12</sup> Alice Jorge, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, António Charrua, António Domingues, António Mendes, António Palolo, António Sena, Artur Rosa, Calos Calvet, Costa Pinheiro, David Evans, Eduardo Nery, Emília Nadal, Eurico Gonçalves, Fátima Vaz, Fernando de Azevedo, Guilherme Parente, Helena Almeida, Henrique Manuel, João Abel Manta, João Vieira, Joaquim Lima Carvalho, Jorge Martins, Jorge Pinheiro, Jorge Vieira, José Escada, Júlio Pereira, Júlio Pomar, Justino Alves, Manuel Baptista, Manuel Pires, Marcelino Vespeira, Maria Velez, Menez, Moniz Pereira, Nikias Skapinakis, Nuno San-Payo, Querubim Lapa, René Bertholo, Rogério Ribeiro, Rolando Sá Nogueira, Sérgio Pombo, Teresa Dias Coelho, Teresa Guimarães, Tomás Mateus, Vítor Fortes e Victor Palla.

- 
- <sup>13</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - *História da arte em Portugal: de 1945 à actualidade*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 13, p. 134.
- <sup>14</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto - *A arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910-2000*. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000, p. 63.
- <sup>15</sup> Cf. GONÇALVES, Eurico - O 25 de Abril e as artes plásticas. *Diário de Notícias/Caderno 2*. Lisboa. N.º 44 959 (26 Abr. 1992), p. 10; *idem* - Movimento Democrático de Artistas Plásticos: a intervenção necessária. *Flama*. Lisboa. N.º 1378 (1974), p. 38-42.
- <sup>16</sup> Cf. SOUSA, Ernesto de - O mural do 10 de Junho ou a passagem ao acto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 19 (Out. 1974), p. 45.
- <sup>17</sup> Cf. SOUSA, Rocha de - Painel dos artistas democratas/Galeria de Arte Moderna de Belém. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 6 (Jan. 1975), p. 34.
- <sup>18</sup> Cf. ROSA, Manuel - O mural como elemento valorizador da paisagem urbana. *Arte/Opinião*. Lisboa: Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design da ESBAL. N.º 5 (Abr. 1979), p. 2-4.
- <sup>19</sup> Cf. Fátima Lambert e João Fernandes. In *PORTO 60/70: os Artistas e a Cidade*. Porto: Fundação de Serralves/Edições Asa, 2001, p. 33-36. [Catálogo da exposição].
- <sup>20</sup> SOUSA, Ernesto de - O Grupo Acre e a apropriação. *Vida Mundial*. Lisboa. N.º 1845 (Jan. 1975), p. 41.
- <sup>21</sup> ÁLVARO, Egídio - Grupo Puzzle. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 7/8 (Dez./Jan. 1977), p. 18-20.
- <sup>22</sup> GONÇALVES, Rui Mário - Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 19 (Out. 1974), p. 32-33.
- <sup>23</sup> Cf. ÁLVARO, Egídio - Debates. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 7/8 (Dez./Jan. 1977), p. 55-57.
- <sup>24</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto - *A arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910-2000*. *Op. cit.*, p. 64; GONÇALVES, Rui Mário - *Vontade de mudança: cinco décadas de artes plásticas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004, p. 92.
- <sup>25</sup> Ver MELO, Alexandre - Arte e mercado. *Arte Ibérica*. Lisboa. N.º 31 (Jan. 2000), p. 82; *idem* - *Arte e Mercado em Portugal: inquérito às galerias e uma carreira de artista*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1999; PINHARANDA, João - Anos 70: um tempo de passagem. In PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3, p. 611-614.
- <sup>26</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - *Vontade de mudança: cinco décadas de artes plásticas*. *Op. cit.*, p. 92.
- <sup>27</sup> Cf. *idem*, *ibidem*.
- <sup>28</sup> Ver TAVARES, Cristina Azevedo - *A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte*. Vila Nova de Cerveira: Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira/Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.
- <sup>29</sup> A Cooperativa Árvore foi fundada com o intuito de desenvolver a arte experimental, numa postura não comercial, facultando aos artistas autonomia de decisão na gestão das suas obras. O primeiro director da instituição foi Henrique Alves Costa.
- <sup>30</sup> O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra é um organismo autónomo da Academia de Coimbra, com instalações na Rua Castro Matoso, tendo inaugurado em 1997 um novo espaço expositivo - o Centro de Arte Contemporânea - no Jardim da Sereia/Parque de Santa Cruz. Ver CAPC: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Prática de arte contemporânea. *Rua Larga*. Coimbra: Reitoria da Universidade de Coimbra. N.º 6 (Out. 2004), p. 37-39; NOGUEIRA, Isabel - O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra nos anos setenta: "A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti". *Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal*. Coimbra: Câmara Municipal. N.º 38 (2005), p. 169-182.
- <sup>31</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - *História da arte em Portugal: de 1945 à actualidade*. *Op. cit.*, p. 88.
- <sup>32</sup> Cf. *idem* - *Vontade de mudança: cinco décadas de artes plásticas*. *Op. cit.*, p. 103-104.
- <sup>33</sup> GONÇALVES, Rui Mário - Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 29 (Out. 1976), p. 34.

<sup>34</sup> Ver NOGUEIRA, Isabel - Breve reflexão sobre o ensino superior artístico em Portugal entre os anos sessenta e oitenta. *Biblos: Revista da Faculdade de Letras*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. N.º 5 (2007), p. 131-136; QUE REESTRUTURAÇÃO? Que ensino superior artístico? *Arte/Opinião*. Lisboa: Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design da ESBAL. N.º 3 (Fev. 1979), p. 19-20; SOUSA, Rocha de - *Deriva do ensino superior artístico em Portugal ou as reformas de papel*. Depoimento. Lisboa: [s.n.], 1996. 36 p. Trabalho realizado no âmbito da Licença Sabática da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; *idem* - É preciso falar a tempo no ensino artístico. *Seara Nova*. Lisboa. N.º 1547 (Set. 1974), p. 12-13; *idem* - Ensino superior artístico. Um encontro que é a recusa do silêncio e dos adiamentos. *Opção*. Lisboa. N.º 98 (Mar. 1978), p. 47-49.

<sup>35</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - *Vontade de mudança: cinco décadas de artes plásticas*. *Op. cit.*, p. 98.

<sup>36</sup> Cf. Raquel Henriques da Silva. In PERNES, Fernando (coord.) - *Século XX: panorama da cultura portuguesa*. Porto: Fundação de Serralves/Edições Afrontamento, 2002. Vol. 3, p. 90.

<sup>37</sup> FRANÇA, José-Augusto - A década, a década, a década. *Diário de Lisboa*. Lisboa. N.º 20 151 (10 Jan. 1980), p. 3.

<sup>38</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 15 (Dez. 1973), p. 61-63; SOUSA, Rocha de - Exposição colectiva inaugural/Galeria Quadrum. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 3 (Fev. 1974), p. 27.

<sup>39</sup> Cf. O FUNERAL do Museu Soares dos Reis. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 37.

<sup>40</sup> Cf. *LEVANTAMENTO da Arte do Século XX no Porto*. Porto : Museu Nacional de Soares dos Reis, 1975. [Catálogo da exposição].

<sup>41</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto - Levantamento da Arte do Século XX no Porto. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 25 (Dez. 1975), p. 79.

<sup>42</sup> *Idem* - 1968-1987. In *Quinhentos folhetins*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993. Vol. 2, p. 409. Texto originalmente publicado em *Diário de Lisboa* (12 Dez. 1987); cf. *idem* - A década, a década, a década. *Op. cit.*

<sup>43</sup> Cf. SOUSA, Rocha de - Museu não é armazém de arte. Prova: o Centro de Arte Contemporânea. *Opção*. Lisboa. N.º 14 (Jul./Ago. 1976), p. 50-51.

<sup>44</sup> Cf. OBJECTIVOS fundamentais da Secretaria de Estado da Cultura: programa de acção. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 1 (Dez. 1976), p. 3.

<sup>45</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário - Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 40 (Mar. 1979), p. 61.

<sup>46</sup> Cf. *idem* - Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 47 (Dez. 1980), p. 64.

<sup>47</sup> Ver ÁLVARO, Egídio [et. al] - Encontros Internacionais de Arte em Valadares. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 6 (Jan. 1975), p. 8-18; ENCONTROS Internacionais de Arte na Póvoa de Varzim. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 1 (Dez. 1976), p. 37; GONÇALVES, Eurico - IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal. *Informação Cultural*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. N.º 5 (1977), p. 50-53; *idem* - IV Encontros Internacionais de Arte nas Caldas da Rainha. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 34 (Out.1977), p. 71-73.

<sup>48</sup> Ver *FIGURAÇÃO- Hoje?* Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].

<sup>49</sup> Ver *ABSTRACÇÃO-Hoje?* Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].

<sup>50</sup> Ver *COLAGEM e Montagem*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1975. [Catálogo da exposição].

<sup>51</sup> Ver *ARTISTAS Portuguesas*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977. [Catálogo da exposição].

<sup>52</sup> Ver *O EROTISMO na Arte Moderna Portuguesa*. Lisboa: [S.l.], 1977. [Catálogo da exposição]; O EROTISMO na arte portuguesa. *Opção*. Lisboa. N.º 54 (Maio 1977), p. 11.

<sup>53</sup> Ver *MITOLOGIAS Locais*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977. [Catálogo da exposição].

- <sup>54</sup> Ver LIS'79 – *Lisbon International Show/Exposição Internacional de Desenho Portugal*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1979. [Catálogo da exposição].
- <sup>55</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto – O 201.º folhetim. In *Quinhentos folhetins*. *Op. cit.* Vol. 1, p. 414-416. Texto originalmente publicado em *Jornal Novo* (17 Abr. 1975).
- <sup>56</sup> *Idem - A arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910-2000*. *Op. cit.*, p. 61.
- <sup>57</sup> Cf. PINHARANDA, João – Anos 80: “A Idade da Prata”. In PEREIRA, Paulo – *História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. 3, p. 617.
- <sup>58</sup> Cf. SOUSA, Rocha de – Vanguarda e actualidade. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 2 (Jan. 1974), p. 5.
- <sup>59</sup> Cf. SOUSA, Ernesto de – Performar. *Opção*. Lisboa. N.º 101 (Mar./Abr. 1978), p. 48-49.
- <sup>60</sup> Cf. *idem* – José Rodrigues: vanguarda e com-sentimento. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 18 (Jun. 1974), p.43-50.
- <sup>61</sup> Foi responsável pela representação portuguesa na *Bienal de Veneza* (1980, 1982,1984).
- <sup>62</sup> Fundou, no início dos anos quarenta, o Círculo do Cinema de Lisboa.
- <sup>63</sup> Sobre o percurso teórico de Ernesto de Sousa ver SANTOS, Mariana Pinto dos – *Vanguarda & outras loas. Percursos teórico de Ernesto de Sousa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- <sup>64</sup> Cf. Miguel Wandschneider. In *ERNESTO de Sousa. Revolution my Body*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p. 14-24. [Catálogo da exposição].
- <sup>65</sup> Cf. José Miranda Justo. In *ibidem*, p. 25-28.
- <sup>66</sup> Cf. GONÇALVES, Rui Mário – Uma prospectiva : ”Documenta 5” Kassel. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 9 (Out. 1972), p. 45-47; ÁLVARO, Egídio – Documenta 5 Kassel. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 1 (Out. 1973), p. 16-21.
- <sup>67</sup> Cf. José-Augusto França. In *PERSPECTIVA: Alternativa Zero*. Porto: Fundação de Serralves, 1997, p. 38. [Catálogo da exposição].
- <sup>68</sup> Cf. SOUSA, Ernesto de – Os 100 dias da 5.ª “Documenta”. *Lorenti's*. Lisboa. N.º 11 (Fev. 1973), p. 41-47.
- <sup>69</sup> Cf. NOGUEIRA, Isabel - Ernesto de Sousa e a promoção das vanguardas em Portugal. *Nu*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. N.º 24 (Out. 2005), p. 23-26.
- <sup>70</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto – *História da arte em Portugal: o modernismo (século XX)*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. Vol. 6, p. 155.
- <sup>71</sup> Cf. SOUSA, Rocha de – Exposição AICA 74/SNBA. *Revista de Artes Plásticas*. Porto. N.º 4 (Jun. 1974), p. 30.
- <sup>72</sup> Ver *EXPO AICA SNBA 1972*. Lisboa: [Sociedade Nacional de Belas-Artes], 1972. [Catálogo da exposição]; *EXPO AICA SNBA 1974*. Lisboa: [Sociedade Nacional de Belas-Artes], 1974. [Catálogo/dossier da exposição].
- <sup>73</sup> Entrevieram seguintes artistas: Alberto Carneiro, Ana Vieira, António Sena, Carlos Gentil-Homem, Eduardo Nery, Fernando Calhau, Helena Almeida, João Vieira, Lourdes Castro e Nuno Siqueira.
- <sup>74</sup> Neste núcleo organizado por Ernesto de Sousa participaram os seguintes artistas, além de si próprio: Alberto Carneiro, Alberto Tavares, Álvaro Lapa, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, António Campos, Armando Alves, Artur Rosa, Artur Varela, Carlos Gentil-Homem, Costa Pinheiro, Da Rocha, Eduardo Nery, Ernesto de Melo e Castro, Fernando Calhau, Gonçalo Ribeiro Telles, Helena Almeida, João Dixo, João Vieira, Jorge Peixinho, José Rodrigues, Júlio Bragança, Philippe Rase, René Bertholo e Túlia Saldanha.
- <sup>75</sup> Cf. BRONZE, Francisco – Carta de Lisboa. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 16 (Fev. 1974), p. 67.
- <sup>76</sup> Cf. SOUSA, Ernesto de – O Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) em Portugal. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 29 (Out. 1976), p. 56.
- <sup>77</sup> Cf. convite de participação redigido por Ernesto de Sousa e endereçado a um amigo (Sena da Silva), publicado em *ALTERNATIVA Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1977. [Catálogo da exposição].
- <sup>78</sup> Cf. relatório sobre a exposição endereçado à SEC, redigido por Ernesto de Sousa em Março de 1978, publicado em *PERSPECTIVA: Alternativa Zero*. *Op. cit.*, p. 82.

---

<sup>79</sup> Cf. *idem* – A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti. *Lorenti's*. Lisboa. N.º 20 (Jan. 1974), p. 4, 6; *idem* – Arte na rua. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 29 (Out. 1976), p. 70.

<sup>80</sup> Cf. *idem*. In *ALTERNATIVA Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea. Op. cit.*

<sup>81</sup> *Intervenientes/operadores estéticos*: Alberto Carneiro, Albuquerque Mendes, Álvaro Lapa, Ana Hatherly, Ana Vieira, André Gomes, Ângelo de Sousa, António Lagarto, António Palolo, António Sena, Armando Azevedo, Artur Varela, Clara Menéres, Constança Capdeville, Da Rocha, Ernesto de Melo e Castro, Ernesto de Sousa, Fernando Calhau, Graça Pereira Coutinho, Helena Almeida, Joana Rosa, João Brehm, João Vieira, Jorge Peixinho, Jorge Pinheiro, José Carvalho, José Conduto, José Rodrigues, Julião Sarmento, Júlio Bragança, Leonel Moura, Lisa Santos Silva/Lisa Chaves Ferreira, Manuel Alvess, Manuel Casimiro, Mário Varela, Nigel Coates, Noronha da Costa, Pedro Andrade, Pires Vieira, Robin Fior, Salette Tavares, Sena da Silva, Túlia Saldanha, Victor Belém e Vítor Pomar.

<sup>82</sup> Ernesto de Sousa. In *ALTERNATIVA Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea. Op. cit.*

<sup>83</sup> Ver MAIO, Fernanda – Alternativas: o deserto ou provocar a palavra. *Arte Ibérica*. Lisboa. N.º 7 (Ago./Set. 1997), p. 20-21.

<sup>84</sup> Cf. José Miranda Justo. In SOUSA, Ernesto de - *Ser moderno... em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 293-305.

<sup>85</sup> Ver SOUSA, Ernesto de – The Living Theatre — sempre inadequado. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 33 (Jun.1977), p. 32-39.

<sup>86</sup> Ver NOGUEIRA, Isabel - *Do pós-modernismo à exposição Alternativa Zero*. Lisboa: Vega, 2007.

<sup>87</sup> Cf. COELHO, Eduardo Prado – Alternativa Zero: artes plásticas, que ideia! *Opção*. Lisboa. N.º 46 (Mar. 1977), p. 41; FRANÇA, José-Augusto - A Alternativa e o zero. *Diário de Lisboa*. Lisboa. N.º 19 307 (21 Mar. 1977), p. 3; *idem* - Alternativa/prospectiva. *Expresso/Revista*. Lisboa (25 Mar. 1977), p. 18; PORFÍRIO, José Luís – *Alternativa Zero: a vanguarda e os mitos. Brotéria: Cultura e Informação*. Lisboa. Vol. 104, p. 555-565; SILVA, Helena Vaz da - Alternativa Zero. *Expresso/Revista* (“Expresso escolhe”). Lisboa. N.º 230 (25 Mar. 1977), p. 18; SILVA, Jorge Alves da - Como Alternativa o Zero. *Expresso/Revista*. Lisboa. N.º 230 (25 Mar. 1977), p. 18; SOUSA, Ernesto de – “Alternativa Zero”: uma criação consciente de situações. *Colóquio/Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. N.º 34 (Out. 1977), p. 45-53.